

Saberes e Fazeres: significações e re-significações acadêmicas no universo do conhecimento comum.

*Jorge das Graças Veloso** (UNB)

GT - Dramaturgia, Tradição e Contemporaneidade.

Palavras-chave: Tradição; contemporaneidade; significações; re-significações.

Significações e re-significações. É através dessas duas palavras que eu gostaria de iniciar esta reflexão. Em princípio, posso considerar que as significações que estou me propondo a discutir estão relacionadas a quatro categorias de saberes produzidos pelas convivências societais: os saberes direcionados às práticas para a sobrevivência, aqueles que o homem usa para a produção do trabalho e suas tecnologias; os saberes destinados à folgança e à vadiagem, em que o interesse é facilitar o prazer e o ócio através do lazer; os saberes voltados para a sagração, pelos quais a espécie se organiza para adorar e agradecer as ações atribuídas às várias divindades; e, finalmente, os saberes para o estar juntos, nos quais o que importa são os mecanismos criados para as práticas de si na relação com o outro.

Quando levanto essas categorizações de saberes, não estou, de maneira nenhuma, restringindo o conhecimento humano a esses quatro itens e, muito menos, afirmando que a maquinaria de cada um funciona somente de forma isolada. Muito pelo contrário. Existe uma circularidade e um permanente agenciamento entre todos. Assim, aquilo que é voltado para o sagrado também pode se destinar à diversão, o que é do trabalho pode ser divinizado e assim por diante.

E é exatamente essa promiscuidade entre os saberes, no sentido etimológico da palavra (pró-mistura, a favor da mistura), que nos leva a refletir com um pouco mais de acuidade sobre o papel da academia, suas relações com o mundo exterior a seus muros conceituais e sua inserção no campo das mediações tecnológicas contemporâneas.

Como este é um dos temas mais problematizados pelas convivências universitárias de nossos tempos, quero lançar mão, aqui, de uma pequena história brasileira para melhor ilustrar meus atuais pensares sobre o tema. A história é uma mistura de experiências pessoais com observações realizadas durante minha pesquisa de doutoramento¹ e narrativas ouvidas a partir de um determinado instante em que o tema começou a me interessar.

Dion Leno é um nome de ficção, mas bem que poderia ser real. No interior de Goiás, e acredito que em todo o Brasil, existem muitos nomes de jovens que carregam a mesma significação de influência dos meios de comunicação.

A história é mais ou menos assim: Dion Leno, menino pobre, morador de um pequeno vilarejo no município de Luziânia, entorno goiano do Distrito Federal, é filho de José e Dona Joana. José, como

* Jorge das Graças Veloso é Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), ator, diretor, dramaturgo e professor de teatro na Faculdade Dulcina e Substituto no Departamento de Artes Cênicas/IDA/UNB.

¹ Tese sobre uma Folia do Divino realizada no meio rural dos municípios de Novo Gama, Santo Antônio do Descoberto e Luziânia, no entorno goiano do Distrito Federal.

pagamento de uma promessa feita ao Divino Espírito Santo, é guia de folia². Dion Leno, como um verdadeiro temente a Deus, segue os passos de seu pai. Pela fé que lhe foi ensinada e pelos saberes e fazeres religiosos com os quais se defronta, aprende também a ser folião. Quer ser tudo no giro: alferes da bandeira, guia, procurador, caixeiro, fogueteiro. E esses saberes de sagração, que são também de folgança e de estar juntos, tomam conta de sua vida até a pré-adolescência, quando ele é mandado para a escola da cidade. Até então, como fiel seguidor dos ensinamentos de Jesus Cristo, nunca havia passado pela cabeça de Dion Leno a possibilidade de o homem ter surgido de forma diferente, que não fosse criado por Deus, a partir de um pequeno monte de barro. Do pó vieste e ao pó retornarás, ouvia sempre de seu pai. E acreditava, piamente.

Aí, na escola da cidade, o primeiro choque: foi-lhe “sugerido”, como só os “bons professores o sabem fazer”, que Deus pode não existir. Que como ele não é explicado pela ciência, o homem também “pode” não ter sido criado, mas que evoluiu de uma espécie anterior, que aqueles outros saberes, os não “científicos”, principalmente os religiosos, são coisa de ignorante, são desinformação, porque quem sabe, sabe que o homem veio de um primata, parecido com os macacos da atualidade. Todo o resto é superstição. É superstição a benzedura que, na infância, curara o cobreiro de sua perna, provocado por uma “mijada de aranha”. É superstição a penitência que muitas vezes fizera com sua mãe, levando água ao pé de um cruzeiro distante para pedir o fim de uma estiagem mais prolongada. É superstição isso, é superstição aquilo, e, principalmente, ele conclui, é superstição sua fé em Deus.

Dion Leno fica na cidade até terminar o ensino médio, mas por causa das dificuldades da vida, da falta de emprego, por não passar no vestibular da universidade pública, ele pára de estudar. Vivendo nas invasões das periferias da grande cidade, sente-se cada vez mais deslocado. Ali não é lugar para ele, está, portanto, num não-lugar, desterritorializado, perdido. Como não está trabalhando, resolve voltar pro seu interior, pra sua terrinha, pra roça. Lá chegando, quando chamado a fazer parte da folia, como Alferes da Bandeira, cargo cobiçado por todos, e por ele próprio, na infância, não aceita, pois não acredita mais naquelas “crendices populares”, não vai pagar mico. Isso é coisa de analfabeto. E assim, fica, lá também, deslocado, na utopia do bucólico de sua saudade, desterritorializado também em seu território. Perdeu suas identificações, que, quando em criança, eram determinadas, fundamentalmente pelas raízes religiosas e pelas práticas sagracionais. A causa? A ação de um processo de escolarização que hierarquiza a vida e seus fazeres, e que, pela supremacia do conhecimento científico pregado, desqualificou seus saberes e o de seus pares.

Só que, felizmente para nós outros, pobres mortais, a academia não é só isso. Existem outros sóis no universo, e aí, para nos ensinar mais uma vez que tudo é relativo, chega o outro lado da moeda da escolarização.

Aquilo que agora é mico para Dion Leno, por falta de quem alimente, começa a perecer. A folia começa a desaparecer. Mas o veneno que mata pode também salvar. E assim, a escolarização acadêmica, que retirara de Dion Leno o seu chão, volta e, sem o saber, lhe oferece a reterritorialização: chega ao lugarejo em

² Guia de Folia é função sacerdotal. Nos giros precatórios e rogativos preparatórios das Festas do Divino, o Guia, através de cantorias e orações, é o responsável pela invocação à santidade, para que ela esteja presente em cada passo do grupo e junto aos que irão receber a bandeira em suas casas.

que ele vive um pesquisador acadêmico, acompanhado de uma equipe de televisão, em busca de registros da folia do Divino.

Só que ele, o pesquisador, escuta dos desanimados moradores: “acho que esse ano num tem folia não, num tem ninguém pra puxar”. Dion Leno, ao ver todo o aparato televisivo, vira e pergunta: “moço, se a folia sair, vai aparecer na TV?” Ao receber a resposta afirmativa, Dion Leno logo se inquieta e, chamando Seu Joaquim, um outro antigo Guia, já que seu velho pai já não estava mais nesse mundo, decide que vai ser o Alferes da Bandeira. Reunindo alguns dos foliões de antigamente, consegue reagrupar doze companheiros. Com violas emprestadas, a caixa e o estandarte já envelhecidos, guardados por Seu Joaquim, fazem a arvorada na casa da mãe de Dion Leno. E, depois de três dias de giro, está reerguida a folia de roça da região.

Cinco anos depois, voltando ao lugarejo, o antigo acadêmico, agora respeitado Doutor em tradições brasileiras, tem a oportunidade de assistir a um novo giro, agora não mais com doze foliões, mas com 48 cavaleiros, num período de onze noites e doze dias. A folia, que é folgança, vadiagem, adoração ao sagrado, alegria de reencontrar os companheiros, num verdadeiro exercício de estar juntos, é também uma oportunidade dada a um sem número de quiosqueiros que acompanham o giro, vendendo um outro sem número de bugigangas, muita comida e muita cachaça, tudo como meio de sobrevivência.

O que, para Dion Leno, era significação do sagrado na infância, torna-se motivo para estar junto e para ser visto, redimensionando sua alter-estima³, seus fazeres e saberes.

O casamento de uma nova visão acadêmica, que não tem medo do novo, oportunizou, neste caso, o resgate (ressalvando o quanto o termo se desgastou), de uma antiga tradição. Tradição esta que perdera, para seus antigos praticantes, suas velhas significações, mas que, por re-significações inesperadas, readquire sua força anterior ou, quiçá, mostra uma capacidade de permanência ainda maior.

³ Alter-estima é como venho denominando os processos de estima pessoal provocados pela convivência com a alteridade.